

## Encontro das maltas

Soares, Carlos Eugênio Líbano



“Quando faziam uma qualquer marcha, que é um partido ir de encontro a outro para brigar, procedia-se sempre a um aviso à casa contrária, afim de que reunisse o bando. Na ocasião da “pegada” (briga), era costume cantarem versos em uma toada sertaneja...

Manuel Preto foi um capoeira temível, chefe do bando de Santana. Os capoeiras que na ocasião da pegada fugiam por cobardia eram navalhados

pelos próprios companheiros. A notícia da saída de uma banda de música corre com rapidez de relâmpago entre os bandos de capoeiras. Desde logo, começam a reunir-se nas fortalezas à espera da hora em que devem tomar a frente do batalhão ou sociedade, e ali combinam o que devem fazer. Quase sempre a miuçalha é incumbida de levar as navalhas e mais armas...

Quando, por exemplo, a banda de música sai do centro da cidade, isto é, da terra dos guaiamus, e dirige-se para os lados da Lapa, ou Cidade Nova, os capoeiras que pertencem àqueles partidos acompanham o batalhão, prevenidos para o encontro com os nagoas, visto irem em terra alheia.

Estes já os esperam e, chegada a música ao local onde se acham, sai o carrapeta (pequeno, esperto e atrevido) de entre os companheiros com direção aos guaiamus e brada.

- É a Lapa!... é a Espada! Quando é daquela província.
- É a Senhora da Cadeira!... Quando é de Santana.
- É o Velho Carpinteiro... Quando é de São José. E assim por diante.

Então trava-se a luta.

...Houve festa na igreja de Santa Rita. Os nagoas “arrebentaram” por volta de uma hora da tarde naquele foco de guaiamus; estes os receberam na ponta da faca e destacando-se de entre eles Jorge, chefe da Marinha, agarrou um nagoa pelos cabelos e cravou-lhe por três vezes a faca no coração, deixando-o cair na calçada todo ensanguentado e de bruços”